

ADAM JOSEPH SHELLHORSE. *Anti-Literature. The Politics and Limits of Representation in Modern Brazil and Argentina*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2017. 258 pp. ISBN: 978-0-8229-6447-6.

A definição de anti-literatura apresenta algumas variações, mas, de modo geral, entende-se que o termo foi cunhado nos anos trinta pelo poeta inglês David Gascoyne (1916-2001), ligado ao Surrealismo francês. O conceito de anti-literatura aplica-se a formas poéticas e de prosa que vão contra as regras e convenções literárias, subvertendo-as. Aliás, a proposta de desenvolver um projeto literário na contramão das formas estabelecidas que definiram gerações e períodos literários anteriores tem sido uma tendência comum—ou, pelo menos, uma intenção—a orientar muitas gerações de escritores e escritoras, mas caracterizou principalmente os movimentos vanguardistas das primeiras décadas do século vinte, tais como o Creacionismo do chileno Vicente Huidobro, o Ultraísmo que Jorge Luis Borges levou da Espanha para a Argentina, o Modernismo brasileiro em sua primeira fase ou a Poesia Concreta das décadas de 1950 e 60. Neste sentido, pode-se entender anti-literatura como literatura experimental, lembrando com Roland Barthes e outros filósofos da linguagem que forma e conteúdo constituem os dois lados da mesma moeda, ou seja, são elementos indissolúveis constituintes do texto literário. Entretanto, o que surge como anti-literatura em um dado momento da história literária sempre corre o risco, mais cedo ou mais tarde, de tornar-se um estilo, recurso ou forma poética ou narrativa plenamente aceita, e até sujeita à exaustão. Em outras palavras, o que foi experimental pode virar pastiche.

Em *Anti-Literature. The Politics and Limits of Representation in Modern Brazil and Argentina*, Adam Joseph Shellhorse propõe-se exatamente a examinar “the problematic of experimental writing” (a problemática da escrita experimental, 3) enquanto fundamento para uma reflexão sobre a condição contemporânea. Neste estudo, essa reflexão seria dupla: por um lado, cada uma das obras selecionadas para análise no livro apresenta-se como exemplo de anti-literatura—escritura inovadora e

experimental—que indaga e reflete sobre a contemporaneidade; por outro, Shellhorse constrói sua própria reflexão crítica através da análise de obras dos brasileiros Clarice Lispector, Osman Lins e Haroldo de Campos e do argentino David Viñas, tecendo um ambicioso projeto que abarca não só a prosa de ficção e a poesia como também o cinema e a fotografia. Um complexo arcabouço crítico orienta o exame das obras desses e, comparativamente, de outros escritores e criadores (especificamente Oswald de Andrade, Augusto de Campos e Sebastião Salgado), na medida em que Shellhorse utiliza como instrumentos de análise estudos de uma ampla gama de filósofos e teóricos, tais como Jacques Derrida, Jacques Rancière, Giles Deleuze e Félix Guattari, Michel Foucault, Gayatri Chakravorty Spivak e outros.

Além disso, o autor estabelece também um arguto diálogo crítico com obras teóricas de acadêmicos latino-americanistas baseados nos Estados Unidos, notadamente aqueles associados ao já desfeito “Latin American Subaltern Studies Group,” tais como John Beverley, Alberto Moreiras, José Rabasa e Walter Dignolo. Sem dúvida, o trabalho destes latino-americanistas influenciou o conceito de anti-literatura que Shellhorse apresenta em sua introdução e que vai tratando de precisar ao longo de cada um dos seis capítulos do livro: “... a multidisciplinary, minoritarian, and multimedial ‘body’ of writing that produces affects and new modes of perception” (um *corpus* literário multidisciplinar, de minoria, e multimidiático que produz afetos e novos modos de percepção, 7). Anti-literatura seria aquela que perturba a percepção acomodada que o público leitor desenvolve normalmente, não só do texto, mas também, através do texto, da realidade que lhe é exterior e estranha. Em outras palavras, anti-literatura nos colocaria frente a frente com nossa alteridade, oferecendo-nos, segundo Shellhorse, a possibilidade de um encontro com “the text’s affective, feminine, multimedial, and subaltern threads” (os elementos afetivo, feminino e subalterno do texto, 7). Deste modo, a noção de anti-literatura aqui apresentada aproxima-se da conceituação de certas formas de literatura pós-colonial (Shellhorse diria “pós-hegemônica”) que oferecem perspectivas alternativas a—e críticas de—uma visão eurocêntrica e masculinista da realidade e do que se entende por literatura.

Teria sido esclarecedor que o autor discutisse, ainda mesmo em sua introdução, o significado preciso que presta a cada um desses termos que utiliza tão frequentemente ao longo do livro—“feminino,” “subalterno,” e também “afeto”. Embora mencionado já na introdução, por exemplo, o conceito de “feminino” é explicado somente (e insuficientemente) no capítulo sobre *A hora da estrela*, definido a partir principalmente de Hélène Cixous, que já em *La Jeune Née* (1975) discutia a obra do escritor francês Jean Genet como exemplo do que ela conceituou “escrita feminina”.

Um dos aspectos mais fortes deste estudo é o diálogo crítico tripartite que se estabelece entre *Anti-Literature* e, por um lado, os teóricos e pensadores como Moreiras, Rabasa, Jon Beasley-Murray, e outros que hoje tratam de repensar o campo de estudos latino-americanos (principalmente nos Estados Unidos), seus limites e possível impacto

político; e, por outro lado, obras de ficção, poesia e cinema, como *A hora da estrela*, de Lispector, a literatura e filmes de Viñas, e os poemas de Haroldo de Campos, *Galáxias* (1963-1976) e “O anjo esquerdo da história” (1998). A contribuição de Shellhorse a esse debate sobre a situação atual dos estudos latino-americanos é indubitável. Destaca-se aí é o fato de o autor inserir-se nesse debate a partir de um estudo crítico de monta que privilegia a literatura brasileira, ao contrário do que se costuma ver em obras críticas latino-americanistas, nas quais autores brasileiros quase nunca são incluídos ou, quando o são, comparecem sempre os mesmos poucos nomes, no que poderíamos chamar de “tokenism.” Shellhorse assume a postura oposta e, neste sentido, pode-se questionar a inclusão de um capítulo dedicado ao argentino David Viñas, posto que todos os outros cinco capítulos tratam de autores e artistas brasileiros.

A questão da seleção das obras examinadas em um livro como *Anti-Literature* é frequentemente ponto de discórdia; há sempre um grau de subjetividade na escolha delas por parte do autor ou autora do livro. Contudo, a proposta de Shellhorse é discutir exemplos de “literature that is not literature” (literatura que não é literatura, 7), obras literárias que avançam sobre o próprio limite do que o cânone considera literatura, para tentar repensar o conceito do literário e seu status na contemporaneidade. Fundamental a essa proposta é a ideia de que a anti-literatura dispensa a problematização de questões identitárias para expressar o afeto (“affect” em inglês) do “feminino” e do “subalterno.” Vejo aqui a grande contradição de *Anti-Literature*, pois o autor escolhe como objetos de análise obras e escritores (com exceção talvez de Viñas) que já estão profundamente identificados com o cânone literário nacional tais como Oswald, Lispector e os irmãos Campos. Estes autores—inclusive Lispector, apesar de sua alteridade como filha de imigrantes judeus pobres—representam uma elite letrada em um país marcado pelo analfabetismo e pela desigualdade e injustiça sociais, ainda que suas obras adquiram uma inegável dimensão política. Assim, se a proposta é posicionar a anti-literatura como uma forma de discurso do “feminino” e do “subalterno” que articula perspectivas novas sobre a contemporaneidade, por que não buscar como objeto de análise obras e escritores que sim falam a partir de uma posição subalterna ou da periferia? É muito possível, aliás, que o autor tenha se dado conta dessa contradição, já que em certa altura do livro passa a usar a expressão “subalternist” (170), especificamente no último e, a meu ver, o melhor e mais convincente capítulo do livro, sobre “O anjo esquerdo da história” de Haroldo de Campos.

Utópico em certa medida, anacrônico talvez na escolha de algumas das obras aqui analisadas, *Anti-Literature* representa uma inegável e estimulante contribuição aos estudos latino-americanos, ao aportar uma visão crítica que alarga os limites do campo e sublinha a posição engajada de nossos escritores com a realidade que lhes acena viva.

Cristina Pinto-Bailey  
Washington & Lee University